

Aula 2^{bis} – um pouco mais sobre a perspectiva filológica

LEITURA ESTRUTURAL E PERSPECTIVA FILOLÓGICA

“Parece que haveria duas maneiras distintas de interpretar um sistema; ele pode ser interrogado, seja sobre sua verdade, seja sobre sua origem; pode-se pedir-lhe que dê razões, ou buscar suas causas. Mas, nos dois casos, considera-se ele, sobretudo, como um conjunto de teses, de dogmata. O primeiro método, que se pode chamar dogmático, aceita, sob ressalva, a pretensão dos dogmas a serem verdadeiros, e não separa a léxis (A. Lalande) da crença; o segundo, que se pode chamar genético, considera os dogmas como efeitos, sintomas, de que o historiador deverá escrever a etiologia (fatos econômicos e políticos, constituição fisiológica do autor, suas leituras, sua biografia intelectual ou espiritual etc.).”

(V. GOLDSCHMIDT. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: IDEM. *A religião de Platão*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1963, p. 139-147, aqui p. 139.)

“A filosofia é explicitação e discurso. Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa teses ligadas umas às outras numa ordem por razões. A progressão (*método*) desses movimentos dá à obra escrita sua estrutura e efetua-se num tempo lógico. A interpretação consistirá em reapreender, conforme à intenção do autor, essa ordem por razões e em jamais separar as teses dos movimentos que as produziram.”

(V. GOLDSCHMIDT. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: IDEM. *A religião de Platão*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1963, p. 139-147, aqui p. 140.)

“A obra de pensamento institui uma experiência singular ao transfigurar a experiência histórica em expressão teórica.”

(M. CHAUI. Texto e contexto: a dupla lógica do discurso filosófico. *Cadernos Espinosanos*, n. 37, jul.-dez. 2017, p. 15-31, aqui p. 27.)



“[N]ão penso em termos de texto e contexto como duas instâncias separadas, externas uma à outra que o intérprete procura unificar. Penso na relação que o filósofo mantém com a experiência imediata de seu presente que suscita e exige o trabalho do pensamento que interroga e interpreta o sentido dessa experiência. [...] Em suma, não se trata, portanto, de pensar a partir da distinção entre texto e contexto, mas de compreender a articulação interna entre o discurso e a experiência que o suscita.”

(M. CHAUI. Texto e contexto: a dupla lógica do discurso filosófico. *Cadernos Espinosanos*, n. 37, jul.-dez. 2017, p. 15-31, aqui p. 16.)

“O paradoxo está em que a obra precisa tomar distância com relação a isto que a faz nascer [a experiência imediata, o presente como não-saber e não-agir para alcançar o sentido de seu próprio nascimento. Numa palavra: a obra põe a diferença entre experiência e reflexão. Ora, essa diferença faz com que a origem da obra no seu presente fique oculta para seus leitores, pois a obra se apresenta como uma reflexão que deu sentido à experiência e a apagou como a experiência que lhe deu origem.”

(M. CHAUI. Texto e contexto: a dupla lógica do discurso filosófico. *Cadernos Espinosanos*, n. 37, jul.-dez. 2017, p. 15-31, aqui p. 23.)

“Que uma obra filosófica tenha uma data de nascimento, que essa data deva ser reposta na rede das determinações históricas que a definem, que se deva tê-la em conta para a compreensão, que essa mesma obra, enfim, se insira em um devir histórico em que ela teve antecedentes e terá sucessores – em suma, que haja, para cada sistema um condicionamento histórico e fontes variadas, seria insensato contestá-lo, e, de parte do estruturalista, ignorá-lo. Aquilo que se poderia debater é saber se as determinações históricas que condicionam a obra podem bastar, ademais, para constituí-la como filosofia. [...]”

[segue →]

“É que as ‘fontes’, que não se deve limitar a fragmentos de citações e a frases pinçadas, apresentam elas mesmas estruturas, e o trabalho do leitor deveria consistir em se fixar, tanto quanto na intenção do autor, na intenção daquilo que, mais corretamente que ‘fontes’, chamar-se-iam seus interlocutores, para revelar, nesse diálogo (que não é sempre polêmico), as estruturas de pensamento em que o ambiente da obra está como que integrado em sua própria substância. [...] O método estrutural, longe de cortar um texto de seu contexto, pode servir para definir as relações entre eles, e isso não a propósito de erudição, mas conforme à intenção filosófica da obra.”

(V. GOLDSCHMIDT. Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie. *Manuscrito*, n. 5(2), 1982, p. 117-143, aqui p. 138-139.)

TRACTATUS
THEOLOGICO-
POLITICUS

Continens
Dissertationes aliquot,

Quibus ostenditur Libertatem Philosophandi non tantum
salva Pietate, & Reipublicæ Pace posse concedi: sed
eandem nisi cum Pace Reipublicæ, ipsaque
Pietate tolli non posse.

Auctore Benedicto de Spinoza.

Johann: Epist: I. Cap: IV. vers: XIII.

*Per hoc cognoscimus quod in Deo manemus, & Deus manet
in nobis, quod de Spiritu suo dedit nobis.*



HAMBURGI,
Apud Henricum Künrabt. clolo clxx.

“O *Tratado Teológico-Político*, empenhado na separação entre filosofia e teologia, inaugura o método filológico, histórico e crítico de leitura da Bíblia.”

(M. CHAUI. Espinosa e a linguagem. *Cadernos de Tradução LELPrat*, n. 1, 2020, p. 9-39, aqui p. 12.)

O MÉTODO FILOLÓGICO DE ESPINOSA

filologia *s.f.* (1597 cf. MonLus) **FILOL 1** estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos **2** (*di815*) estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos **3** (*sXX*) o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p.ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica **4** estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), esp. para a edição de textos ✦ cf. *ecdótica* ✦ **f. comparada** LING parte da lingüística histórica que trata do estudo comparado das línguas, não só através de sua origem e evolução, como tb. do confronto com línguas modernas; gramática comparada, lingüística comparada ✦ ETIM lat. *philologia,ae* 'amor às letras, instrução, erudição, literatura, palavrório', do gr. *philología,as* 'necessidade de falar, conversação', talvez pelo fr. *philologie* (*sXIV*) 'id.'; ver 'fil(o) -e -logia'; f.hist. 1597 *philologia*

Baruch Espinosa (1632-1677)



0. CONHECIMENTO INVESTIGATIVO

Eam autem ut hic paucis complectar, dico methodum interpretandi Scripturam haud differere a methodo interpretandi naturam, sed cum ea prorsus convenire. Nam sicuti methodus interpretandi naturam in hoc potissimum consistit, ut concinnanda scilicet historia naturae, ex qua, utpotest ex certis datis, rerum naturalium definitiones concludimus, sic etiam ad Scripturam interpretandam necesse est eius sinceram historiam adornare et ex ea tanquam ex certis datis et principiis mentem authorum Scripturae legitimis consequentiis concludere.

Para ser breve, resumirei esse método dizendo que ele não difere em nada daquele que adotamos na interpretação da natureza, concordando inteiramente com ele. Da mesma maneira que o método de interpretação da natureza consiste essencialmente em desenvolver uma investigação sistemática da natureza e, após ter assim reunido dados corretos, concluir com as definições das coisas naturais, também para interpretar a Escritura é necessário adquirir dela um conhecimento investigativo e, uma vez de posse desse conhecimento, quer dizer, de dados e princípios certos, pode-se concluir por via de consequência, o pensamento dos autores da Escritura. (TTP.7.2)

1. A LÍNGUA HEBRAICA

Qualis autem eius historia debeat esse et quae potissimum enarrare, hic iam dicendum. Nempe I. continere debet naturam et proprietates linguae, qua libri Scripturae scripti fuerunt et quorum auctores loqui solebant. Sic enim omnes sensus, quos una quaeque oratio ex communi loquendi usu admittere potest, investigare poterimus.

Diremos agora qual deve ser essa investigação e o que ela deve narrar essencialmente. Em primeiro lugar, ela deve abranger a natureza e as propriedades da língua na qual foram escritos os livros da Escritura e que seus autores tinham o hábito de falar. Dessa maneira, com efeito, podemos examinar todos os sentidos que um texto pode ter, conforme o uso comum. (TTP.7.5)

2. COLEÇÃO E ORDENAMENTO DOS ENUNCIADOS

II. Sententias uniuscuiusque libri colligere debet easque ad summa capita redigere, ut sic omnes, quae de eadem re reperiuntur, in promptu habere possimus; deinde eas omnes, quae ambiguae uel obscurae sunt, uel quae inuicem repugnare uidentur, notare. Atque eas sententias hic obscuras aut claras uoco, quarum sensus ex contextu orationis facile uel difficulter elicitor, at non quatenus earum ueritas facile uel difficulter ratione percipitur. De solo enim sensu orationum, non autem de earum ueritate laboramus.

Em segundo, é preciso agrupar os enunciados contidos em cada livro e os reduzir a um certo número de chaves principais, de modo a reencontrar com facilidade todos aqueles que se relacionam ao mesmo objeto; em seguida, anotar todos aqueles que são ambíguos, obscuros ou estejam em contradição uns com os outros. Chamo aqui enunciado claro ou obscuro conforme seu sentido seja fácil ou dificilmente percebido com a ajuda do contexto da frase, e não conforme seja fácil ou dificilmente percebido pela razão, pois nos ocupamos aqui apenas do sentido dos textos, e não de sua veracidade. (TTP.7.5)

3. AS CIRCUNSTÂNCIAS

III. Denique enarrare debet hæc historia casus omnium librorum Prophetarum, quorum memoria apud nos est, uidelicet uitam, mores ac studia authoris uniuscuiusque libri, quisnam fuerit, qua occasione, quo tempore, cui, et denique qua lingua scripserit. Deinde uniuscuiusque libri fortunam, nempe quomodo prius acceptus fuerit, et in quorum manus incidit, deinde quot zius uariæ lectiones fuerint, et quorum concilio inter sacros acceptus fuerit, et denique quomodo omnes libri, quod omnes iam sacros esse fatentur, in unum corpus coaluerint. Hæc omnia, inquam, historia Scripturæ continere debet.

Em terceiro lugar, essa investigação deve expor, a propósito de todos os livros dos profetas, as circunstâncias cuja lembrança nos foi transmitida: entendo por isso a vida, os costumes do autor de cada livro, a finalidade que perseguia, qual foi, em que ocasião e tempo, para quem e, enfim, em que língua escreveu. Deve-se então restituir as fortunas próprias a cada livro, como foi acolhido na origem, em que mãos foi cair, quantas lições diferentes são conhecidas de seu texto, que homens decidiram admiti-lo no cânon e, enfim, como todos os livros assim reconhecidos foram reunidos num só corpo. Tudo isso, eu o afirmo, a investigação sobre a Escritura deve conter. (*TTP.7.5*)

Xⁿ. TIPOLOGIA TEXTUAL

Euclides, qui non nisi res admodum simpliciores et maxime intelligibiles scripsit, facile ab unoquoque in quavis lingua explicatur; non enim ut eius mentem assequamur et de vero eius sensu certi simus, opus est integram linguam, qua scripsit, cognitionem habere, sed tantum admodum communem et fere puerilem, non uitam, studia et mores authoris scire, neque qua lingua, cui, neque quando scripserit, non libri fortunam neque varias eius lectiones, nec quomodo, nec denique quorum concilio acceptus fuerit.

Euclides, que só escreveu coisas extremamente simples e altamente inteligíveis, é facilmente explicável por todos em todas as línguas. Para compreender seu pensamento e se estar seguro de ter encontrado o verdadeiro sentido, não é preciso um conhecimento perfeito da língua em que escreveu; um conhecimento comum e quase infantil basta. Inútil também conhecer a vida do autor, o fim a que tendia e seus hábitos, de saber em que língua escreveu, para quem, em que tempo, não mais do que a fortuna do livro, as diversas lições do texto e, enfim, que homens decidiram acolhê-lo. (TTP.7.17)

“Uma vez que se trata de determinar a gênese do povo hebraico a partir de seu documento, este deve, por si mesmo, nos dizer quem foram os hebreus e estes devem nos ensinar porquê e como produziram seu texto sagrado. [...] A Escritura deixa de apresentar-se como livro universal da religião universal, paradigma de toda religiosidade e de toda política, para mostrar-se como singularidade histórica cuja causa é uma sociedade singular, a sociedade hebraica.”

(M. CHAUI. Texto e contexto: a dupla lógica do discurso filosófico. *Cadernos Espinosanos*, n. 37, jul.-dez. 2017, p. 15-31, aqui p. 30.)